

Reportagem de **José Manuel Moroso** e **Telma Miguel** (textos), **Jorge Simão** e **Rui Ochôa** (fotografias)

Em vésperas do 1 de Maio, o EXPRESSO fez o retrato de seis famílias portuguesas que têm como rendimento a média nacional da classe trabalhadora. Procurámos de norte a sul do país, Madeira incluída, a família tradicional — homem e mulher, casados, com um filho ou dois, a viver debaixo do mesmo tecto —, com um rendimento entre os 1.000 e os 1.500 euros. De acordo com os números do Instituto Nacional de Estatística, a média nacional oscila entre os 1.000 euros (sector primário) e os 1.700 euros (sector terciário). Retrato de um país em apuros

Há algum tempo Nuno Bugalho passou por uma carrinha monovolume de sete lugares e comentou com o pai que aquele era um carro que gostaria de ter. Tendo em conta os antecedentes, ao pai não pareceu aquele o início típico de uma conversa masculina sobre automóveis. Ao contrário, ficou em choque. «Perguntou-me logo» — conta Nuno — «se o que eu queria era ter mais filhos para encher os bancos todos». Nuno (31 anos) e Gina Bugalho (31 anos) sabem que são considerados, para dizer o mínimo, invulgares. Com o rendimento que têm do trabalho — ela é auxiliar de acção educativa no Centro Paroquial de Rio de Mouro e ganha 455 euros mensais, ele é escriturário na empresa de encomendas expresso TEX, do grupo CP e ganha 700 euros mês — deveriam ter, se fossem sensatos, apenas um filho.



JORGE SIMÃO

família



Família Bugalho, Rinchoa, Sintra

Rendimento mensal €1.155

(Nuno €700 e Gina €455)

Filhos João (5 anos),

Tomás (23 meses)

e Madalena (3 meses)

Casa Apartamento T2

**Pagamento
de empréstimos**

€410 (casa)

Serviços €170 (água,
electricidade, televisão, condomínio
e telefones)

Alimentação €200

Educação/Escola €129 (ATL)

Transportes €96, aprox.

(€ 36,9 de passe de Nuno
e €60 gasolina para Fiat Marea)

Extras Imprevistos de saúde

Total de despesas mensais

€1.005

«Quando muito dois», diz Gina. Há um ano, quando ficou grávida da terceira criança, Gina também se assustou: «Passei dez dias em negação». Mas a verdade é que os dois estão dispostos a desafiar as convenções do bom senso que determina que só os muito pobres e iletrados e os muito ricos podem ter prole muito extensa, os primeiros porque o futuro lhes é de qualquer forma sombrio e os segundos por terem o que for preciso para arcar com uma educação de privilégio. Nuno e Gina são, dentro do grupo de famílias que o EXPRESSO entrevistou, um exemplo ao avesso. São os que menos

**Há um ano,
Gina ficou grávida
do terceiro filho:
«Passei dez dias
em negação»**

ganham e os que mais filhos têm. São uma espécie de novos exploradores que já bateram a barreira de 1,4 filhos por casal (a média nacional) e estão dispostos a ir muito mais longe e aceitar os filhos que Deus lhes der, o que significa, em termos práticos, que usam a consulta ao calendário como método de contracepção. A chave para

compreender este comportamento está nas suas crenças religiosas, numa esperança inabalável na divina Providência — e não no crédito bancário ilimitado — e numa muito pragmática e cerebral gestão de orçamento. «**Há pessoas que querem ter boas casas e bons carros, nós ultrapassámos isso**». Quanto ao futuro dos filhos Gina é peremptória: «**Eu não fiz uma licenciatura porque não quis. Se os meus filhos o quiserem, terão possibilidade de o fazer**».

O que eles são como pessoas tem tudo a ver com o facto de, desde que se casaram, terem, como dizem, aprofundado o caminho da Igreja. Nuno e Gina pertencem ao Grupo Caminho Neocatecumenal de Rio de Mouro que, garantem, não tem nada a ver com a Opus Dei. Salientam que foi o Papa João Paulo II quem postulou a criação destes grupos de crentes que se juntam numa comunidade espiritual, que leva à entreeajuda material. Por exemplo, no final da última gravidez, a roupa dos Bugalho era engomada por uma mulher deste grupo. As consultas de oftalmologia e os óculos do filho mais velho, João, com cinco anos, foram pagas com o dinheiro que outro membro da comunidade de 48 pessoas ofereceu no Natal aos miúdos. Por seu lado, os Bu-

violência». A única televisão da casa está desligada grande parte do tempo.

Pelo apartamento de três assoalhadas, na Rinchoa, que lhes custou 11.600 contos há dez anos e que sofreu obras recentes de 32 mil euros, pagam ao banco 410 euros mensais. Cortaram o telefone fixo. Pagam pelo ATL dos dois miúdos 129 euros por mês. O passe social de Nuno equivale a €36,90. Desistiram de fazer contas às mercearias mas calculam que seja 50 euros por mês. Na mesa não falta nada, nem a imaginação para fazer render o bacalhau em empadões e o frango em crepes com espinafres.

Sobra alguma coisa para luxos depois de mais de metade do orçamento desaparecer em contas fixas? Entreo-lham-se. Nuno adianta-se: «**Vermos os nossos filhos saudáveis**». E esse é um luxo que, por acaso, têm pago bem, uma vez que, para vencerem as listas de espera, preferiram um pediatra particular, tal como o imunoalergologista que tratou das infecções respiratórias recorrentes entre os 10 dias e os seis meses de Tomás e o oftalmologista que detectou a visão a 50% do João.

Aos fins-de-semana, a catequese, os passeios e as refeições em família ocupam-nos. A última vez que o casal foi

«Acreditamos que, quando estamos em dificuldades, há sempre quem nos ajude. Tal como nós, com tão pouco, somos úteis aos outros»

galho passaram cheques pré-datados para que um homem do grupo pudesse comprar uma prótese dentária. «**Acreditamos que quando estamos em dificuldades há sempre quem nos ajude. Tal como nós, que temos tão pouco, também somos úteis a outras pessoas**», diz Gina.

Mas o dia-a-dia cabe-lhes a eles resolver. Desde que apareceu Madalena, inscreveram-se na Associação de Famílias Numerosas, o que lhes permite fazer compras nos «cash and carry», onde um pacote de leite custa menos 15 centimos do que uma linha branca de hipermercado. As roupas das crianças são herdadas de primos ou compradas nos aniversários e Natal. Não compram brinquedos, mas livros. A principal actividade doméstica de tempos livres do mais velho é jogar, no computador oferecido por um tio, «jogos sem

ao cinema foi em 16 de Maio de 2000 quando fizeram cinco anos de casados. Em vez de lamentarem não sair a sós, valorizam os serões juntos. As crianças estão a dormir todos os dias a partir das 20h, 20h30. Foi nestes serões que no Natal passado fizeram filhós e fritos «**vendidos para fora**» que lhes renderam 250 euros. A venda de doces e salgadinhos para festas, que Gina aprendeu a fazer com a mãe cozinheira e que confeccionam juntos, serve-lhes de rendimento extraordinário que juntam aos subsídios de Natal e de férias e à devolução integral do IRS que descontam, para acudir a aflições. E é por causa desta vocação que, um dia, na hipótese assustadora de perderem os empregos, poderão chegar a concretizar o sonho de abrir uma casa de chá em Sintra ou Cascais.  T.M.

'Comprámos tudo a pronto'



JORGE SIMÃO

Egídia e José Luís da Conceição são um caso à parte, já que não só não devem um centímo à banca, como até é a banca que, de certa maneira, lhes deve dinheiro. No universo português do sobrendividamento familiar eles contribuem para o financiamento do sistema com uma conta-poupança e com um Plano Poupança Re-

forma de 100 euros mensais. O apartamento de três assoalhadas quase no centro de Portimão, onde vivem, compraram-no há dez anos, novo, por 12.500 contos. A pronto. Os dois carros, um Toyota Yaris e um Opel Corsa, foi pelo mesmo sistema. Porém, não há nada de errado com eles. São apenas dos últimos emigrantes portugueses

Família Conceição, Portimão, Algarve

Rendimento mensal €1.655

(José Luís €700 e Egídia €955)

Filhos Sara (8 anos)

Casa Apartamento T2

Pagamento de empréstimos

Não têm

Serviços €130 (água, electricidade, televisão, condomínio, telefones)

Alimentação €400

Educação/Escola Não pagam

Transportes €210, aprox.
(gasolina para Opel Corsa e Toyota Yaris)

Extras €80 (aulas de flauta para Sara)

Total de despesas mensais

€820



que pouparam para voltar à pátria, nos anos de transição para a União Europeia.

Egídia, de 39 anos, de origem madeirense, e José Luís, de 40 anos, nascido em Portimão, conheceram-se na Ilha de Jersey (Reino Unido) quando ambos trabalhavam no mesmo hotel. Depois passaram para os barcos de cruzeiro, onde ele já havia trabalhado, e durante anos amealharam. «Teríamos muito mais se também não tivéssemos gozado a vida». Em cada porto viam as vistas. O último contrato de ambos foi no «Harmony», navio que pertencia à companhia Crystal, de capitais nipónicos e noruegueses e que se acredita ser a maior do mundo em navios de cruzeiro. Há coisa de oito anos, o sócio de Bill Gates na fundação da Microsoft, Paul G. Allen, alugou o navio para uma grande festa onde reconheceram Francis Ford Coppola, o próprio Gates, e uma série de actores famosos. Para o casal foi quase uma festa de despedida. Teriam continuado lá se, entretanto, Egídia não tivesse engravidado, o que nos barcos é impraticável. Trocaram a hotelaria no mar pela de terra.

Oito anos depois, os dois trabalham juntos num hotel do Carvoeiro, a 16 quilómetros de Portimão, por pura coincidência no hotel com o nome Cristal. Ele é empregado de mesa, com curso de chefe de mesa, acabado há seis meses na Escola de Hotelaria de Portimão. Há três anos, ela foi contratada pelo Cristal e ascendeu à categoria de governanta de piso ao mes-

família aumentar, seguiram o instinto e não o dinheiro rápido.

Até porque, diz Egídia, não é pessoa de luxos, tem a vida que ambiciona, faz o que gosta e, olhando à volta das paredes, confirma o que se supunha: «Tenho a casa que quero». Sara diz o mesmo: tem um quarto repleto de brinquedos, com televisão e o inevitável poster dos D'ZRT, banda da telenovela «Morangos com Açúcar», que está a massificar os gostos dos adolescentes. Na sala há muitos vídeos e DVDs, a colecção completa de clássicos da literatura do jornal «Público» e um computador quase sempre desligado à espera que a sua dona o descubra.

Sara é filha única por decisão dos pais que lhe quiseram garantir um futuro desafogado e as habilitações desejadas. Actualmente, Sara estuda numa escola pública, antiga, em alvenaria, que se vê da varanda da sala. Adora a professora. Como complemento educativo, os pais contribuem com 80 euros mensais para a academia de música, onde Sara estuda flauta quatro vezes por semana. É escuteira, desde há três anos. Sara tem ainda a sorte de as três tias residentes em Lisboa (irmãs do pai), todas licenciadas e com bons ordenados, a encherem de mimos. Em Agosto, quando os horários de trabalho dos pais destroem a vida familiar, muda-se para casa de uma tia em Telheiras.

O fim-de-semana da família é a noite de sexta-feira quando vão os três jantar à Pizza Hut ou à Companhia das So-

'Já levámos o miúdo à EuroDisney'

Mário e Telma Baião de 37 e 34 anos, respectivamente, pertencem a um clube muito restrito que quase já não aceita sócios. O clube dos que almoçam em casa. Mário é empregado e membro da direcção da cooperativa proprietária da pastelaria/restaurante Luís da Rocha, visitada regularmente por Cavaco Silva. Telma é funcionária da Câmara Municipal, com a categoria de técnica de animação. O seu local de trabalho é o museu Jorge Vieira. Ambos trabalham no centro histórico de Beja e, cada um com o seu carro, poucos minutos os separam da mesa posta na cozinha de casa.

Há oito anos, quando casaram, Mário e Telma compraram por 22 mil contos uma das casas brancas todas exteriormente iguais do Bairro Novo da Conceição, um conjunto habitacional dos anos 80 — quase na periferia industrial, mas ainda dentro dos limites da cidade — que lembra os bairros fabris de meados do século passado, geometricamente planeados para uma vida igualmente sem sobressaltos. É uma moradia de oito divisões mais duas casas-de-banho, quintal e pátio à frente que não é para eles um dormitório, mas uma espécie de ateliê de tempos livres. Mário tem uma sala atravancada

Egídia e José Luís sabem que, se falhar o emprego cá, terão coragem para emigrar

mo tempo que o salário quase duplicou, passando de 500 para 955 euros («é um ótimo ordenado», considera). Mas este momento de transição apanhou-os num dilema. Tinham recebido uma carta do vice-presidente da Crystal, para trabalharem no novo navio de cruzeiros da empresa, o «Serenity». «Se tivéssemos ido, em menos de dois anos ganharíamos 100 mil euros». Mas o que os trouxe do mar, fê-los manter os pés em terra, definitivamente: a filha Sara, agora com oito anos. «Teríamos de a deixar com a avó e acho que não aguentaria as saudades», confessa Egídia. Como, entretanto, havia a promessa de o orçamento da

pas, no Centro Comercial Modelo, perto de casa. «Somos muito caseiros», diz Egídia. Ao domingo vão à missa, muito raramente ao cinema. Achem que o Algarve está culturalmente atrasado. Este ano planeiam fazer férias no Brasil, porque em todo o tempo que andaram embarcados foi um destino que nunca calhou. Recentemente foram a Fátima.

Não acreditam que a vida dos portugueses melhora, não confiam nos políticos. Sabem que, se perderem o emprego — o que acreditam não ser impossível, por o turismo no Algarve estar em decadência —, terão a coragem de procurar na emigração um futuro melhor.  T.M.



com uma mesa de bilhar onde expõe a sua colecção de bonés que afasta para as partidas com amigos; Mário Miguel, o filho de seis anos, ocupa uma sala com o computador e os brinquedos de grande porte. Telma isola-se numa salinha no sótão, junto ao quarto de hóspedes, para fazer tapetes de Arraiolos e ouvir rádio. E, no quintal das traseiras, mãe e filho passam muitas horas juntos a transformar barro em azulejos decorativos, deixando muitas vezes abandonadas as quatro televisões espalhadas pela casa.

O cliché de paraíso provinciano completa-se quando Telma explica que o pai, actualmente reformado, cultiva o monte de um amigo com fruta e legumes que distribui pela família e «onde todos os anos se mata um porquinho preto, um borrego...» Esta proximidade rural explica também como parte dos rendimentos mensais de 1.350 eu-

ros da família não vão alimentar o mercado local. O que não chega directamente do monte, é Mário que compra na praça e foi ele que observou *in loco* que «com o dinheiro de três quilos de carapau em Olhão compra-se um em Beja». No Lidl, Intermarché e Pingo Doce abastecem a despensa.

«Há muitas pessoas que ficam espantadas com o que conseguimos fazer tanta coisa com o que ganhamos, mas somos muito poupados», analisa Telma. Em Agosto, não lamentam o arrendamento por 850 euros de um apartamento junto ao mar algarvio nos Olhos de Água. No ano passado levaram o miúdo à Euro-Disney. A cada cinco domingos, quando Mário tem folga, fazem uma extravagância. A última foi a de ir até Olhão. Com a auto-estrada, o Algarve é perto. O miúdo adorou a praia e os pais compraram nos armazéns junto ao cais o marisco com que se banquetearam no

Família Baião, Beja

Rendimento mensal €1.350

(Mário €600 e Telma €750)

Filhos Mário Miguel (6 anos)

Casa Moradia T7

Pagamento de empréstimos:

€567 (€317, casa e €250, automóvel)

Serviços €132 (água, electricidade, televisão, telefones)

Alimentação €200

Educação €93 (ATL)

Transportes €60, aprox.

Extras €50 (€25, natação e futebol)

Total de despesas mensais

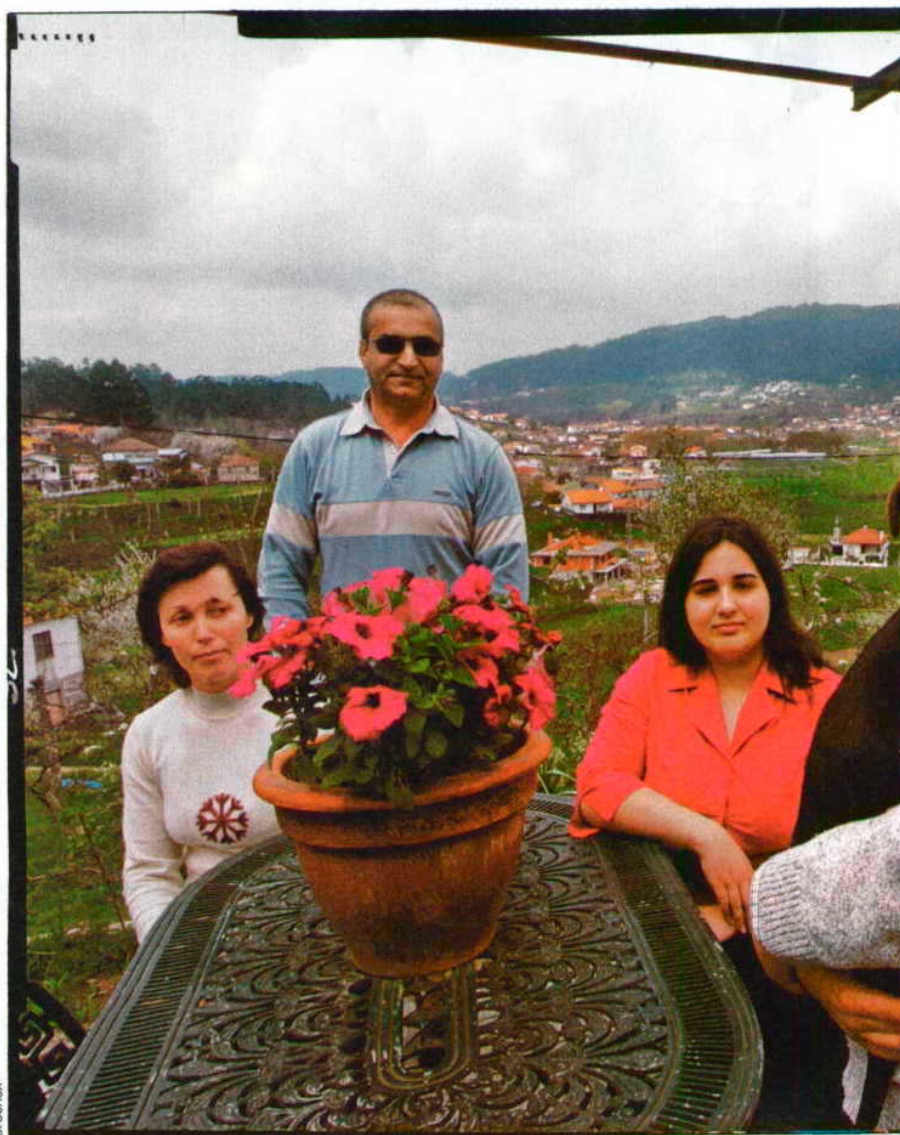
€1.102

regresso. Mário pesca no Alqueva ou no mar e é benfiquista. Assistiu a todos os jogos da Liga dos Campeões. De resto, não há luxos. Roupa de marca, não. Cinema, também não, até porque têm o hábito de se fazerem sempre acompanhar pelo filho. Uma vez por mês concedem um jantar no McDonald's, de onde o miúdo traz os bonecos que coleciona do menu infantil «Happy Family». A PlayStation é fornecida com filmes alugados. Os passeios de fim-de-semana entre mãe e filho

Não há roupas de marca, nem cinema. Uma vez por mês levam o miúdo ao McDonald's

saem «económicos». «Aqui não há muito por onde gastar dinheiro», diz Telma. Quando os turnos o libertam, Mário leva o filho ao parque onde jogam à bola, andam de bicicleta, vão à Worten «ver, apenas» as novidades, ou até ao campo onde o miúdo passeia com o avô e se habitua a reconhecer os animais. Tem outro privilégio, o de conviver todos os dias com os avós maternos, que quando calha, «lhe oferecem uns ténis, ou outra coisa, o que, parecendo que não, é uma grande ajuda», diz Mário.

Consideram-se afortunados, orgulham-se do que fazem e sentem que seguiram as escolhas acertadas. Telma, por exemplo, frequentava o 2.º ano da Escola Superior de Educação quando agarrou o emprego no museu Jorge Vieira, onde diz estar por gosto, e que a livrou de pertencer à trupe errante de professores no desemprego. Mas não tomam o futuro por garantido: «Não por nós, achamos que temos emprego estável». Ele nota que vende cada vez menos bolos e que a roupa e a habitação subiram com a elevação nos últimos anos de Beja a cidade universitária. Um fenómeno que, apesar de tudo, aproveitaram. No auge da febre da queima das fitas, Telma ganhou perto de € 2.000 a pintar fitas, numa quinzena. «A verdade é que quase não dormia». Quanto ao filho, pragmática, a mãe viu com a banalização das capas de estudantes, que está ao alcance dele e de qualquer um licenciado: «Mas o difícil, é entrar no mercado de emprego. Isso sim, será».  T.M.



RUI OCHOA

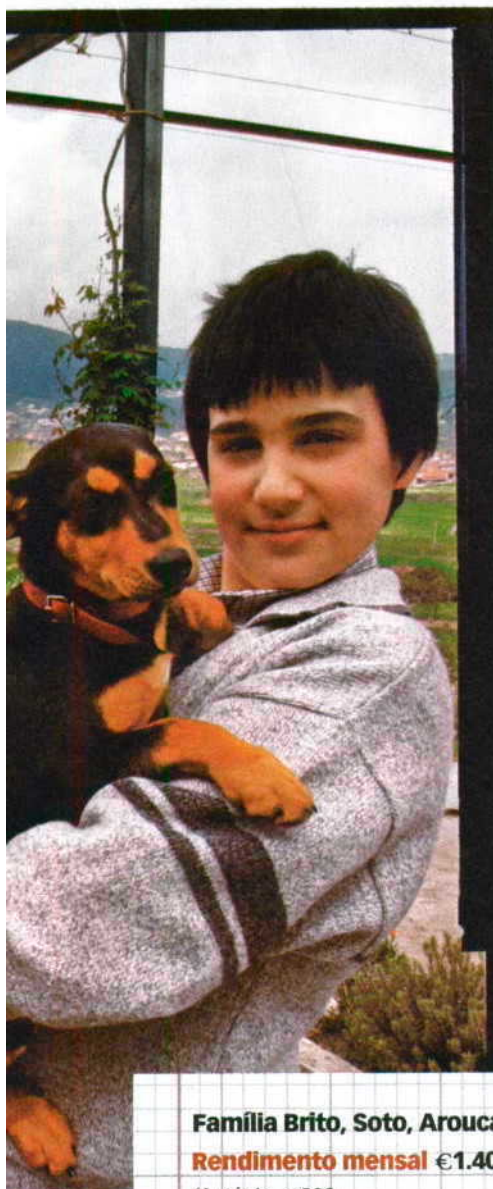
'Ainda ponho trocos de lado'

Praticamente perdido num enorme vale entre as serras do Gamarão e da Freita, o lugar do Soto ergue-se nos limites urbanos da pequena cidade de Arouca, sede de concelho que nas suas vinte freguesias soma 27 mil habitantes. É neste cenário que vivem Maria de Lurdes, 47 anos, e António Brito, 48, pais de Susana (19) e de Samuel (10).

A vida deste casal moldou-se a pulso. Maria de Lurdes trabalhava no campo antes de se casar. Desde há 17 anos que faz caixas para embalagens de Vinho do Porto numa carpintaria. Ele, antigo 5.º ano dos liceus cumprido, é

empregado administrativo na Câmara Municipal de Arouca há 25 anos.

A pouco podiam chamar seu no princípio de vida como casal, basicamente uma motorizada e um terreno. A moto serviu-lhes para trazer da maternidade há 19 anos a recém-nascida Susana; no terreno construíram a casa onde hoje vivem à custa de um empréstimo bancário de mil contos e da ajuda dos irmãos e dos amigos que lhes foram fiando o material. Grão a grão, concluíram, primeiro, o interior, depois o exterior. Esta operação de «Lego» demorou uns longos sete anos até se proclamar obra feita. A seguir à casa

**Família Brito, Soto, Arouca****Rendimento mensal €1.400**

(António, €900,

Maria de Lurdes, €500)

Filhos Susana, 19 anos,

Samuel, 10 anos

Casa Moradia**Pagamento de empréstimos**

Não têm

Serviços €15

(água, electricidade, gás)

Alimentação Não sabem**Educação/Escola** €290

(mesada para Susana, €240;

arrendamento da casa para Susana

estudar em Coimbra, €50)

Transportes €70 (€10 passe

social para o Samuel; €60

combustível para Citroën ZX)

Extras €25 (mensalidade

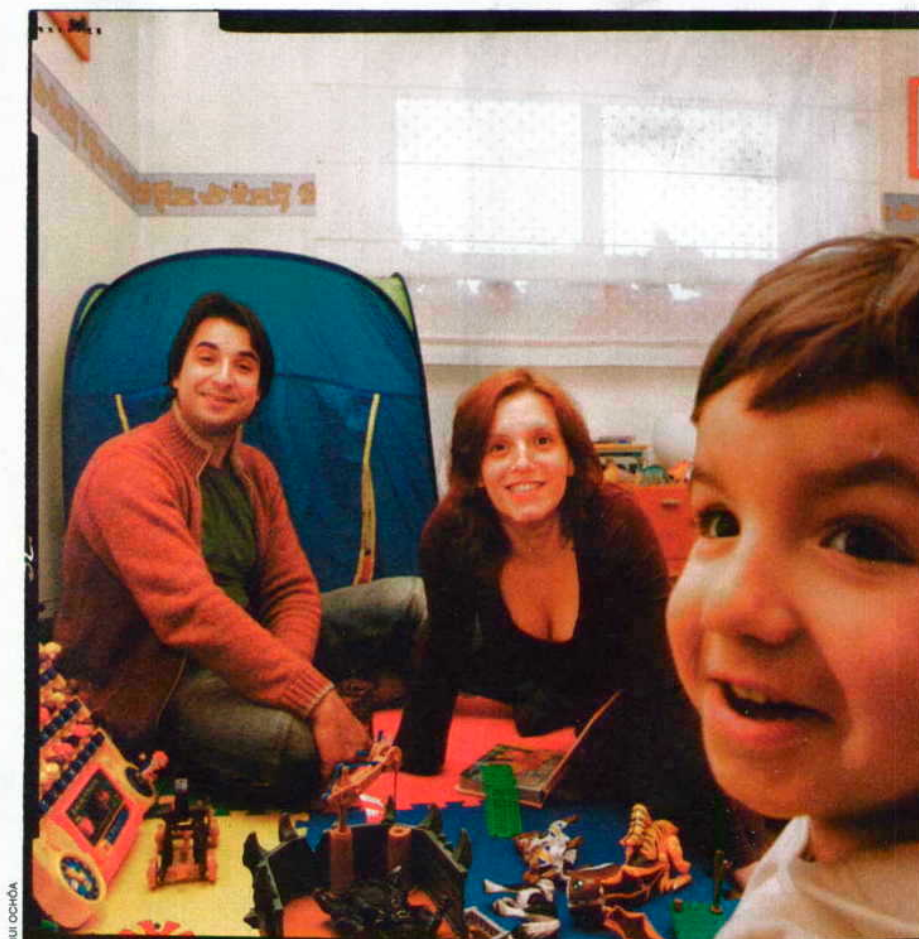
da natação do Samuel)

Total de despesas mensais:**€400**

veio a compra de um Citroën ZX em 2.ª mão (entretanto já pago) e não só não têm dívidas como ainda amealharam alguma coisa. Poupanças? É verdade! E não há milagres. A magia é bem simples, mas só está ao alcance de quem vive no campo. É que eles têm capoeiras cheias de criação, um porco, uma horta que lhes dá todos os legumes e frutas. O que lhes faltava mesmo é que o rio Paiva lhes passasse aos pés e não a uns quilómetros... Mas com isto já lhes sai a bolsa muito aliviada. Para mais, a filha Susana, no 2.º ano da Faculdade de Letras, em Coimbra, conta com isenção de propinas e bolsa de estudo (para além de comparticipação nos livros). O mais novo, Samuel, está no 5.º ano. Quanto às poupanças, servem-lhes para dar uns jeitos na casa. Os últimos estão à vista numa cozinha totalmente nova que faz as maravilhas de Maria de Lurdes. Em cada divisão têm uma televisão; um ecrã de plasma e um computador «para os pequenos» en-

As férias são na praia do Furadouro ou num parque de campismo

chem o sótão. «É claro que, não vivendo numa grande cidade, fazem-nos falta acessos a coisas a que muitos dão valor, mas ganhamos noutros aspectos, como na alimentação, por exemplo. Temos uma vida com mais qualidade, sem dúvida», explica António Brito. Enquanto António se distrai dos afazeres em torneios de sueca e caminhadas, Maria de Lurdes só sai ao fim-de-semana. Vai a Vila da Feira, e aproveita para fazer compras. Nem das férias se queixam: «Vamos todos os anos, só que os destinos nem sempre podem ser os que queremos». É assim que, ao invés do Algarve ou do Brasil, a família vai para a praia do Furadouro e às vezes prefere um parque de campismo. «Não sou muito de fazer orçamentos. O dinheiro chega perfeitamente para o nosso quotidiano e ainda dá para ir pondo de lado uns trocos», diz António. No Natal há prendas para todos — até para «pequenos luxos», como um telemóvel de terceira geração para a Susana. Que a vida está cara — «e os nossos políticos não nos dão muita confiança» — é dado adquirido.  J.M.M.



RUI OCHÓA

'Uma dívida de cada vez'

Todos os anos, a cena repete-se: Carla e Alberto combinam esperar pelos saldos de Janeiro para darem um ao outro a prenda de Natal. Tiago, o filho de quatro anos, tem mais sorte: recebe um brinquedo a 25 de Dezembro.

O casal organiza-se na gestão das contas: actualmente têm apenas uma dívida, ao banco, pelo empréstimo da casa que compraram há nove anos em Rio Tinto, não muito longe do bairro das Antas. O T2, que um dia gostariam de ver «transformado» em T3, custou-lhes, na altura, 14.350 contos. «A nossa filosofia é sempre só uma: enquanto não acabamos de pagar uma dívida não

nos metemos noutra». Carla deixa cair esta máxima, mas sabe que está à beira de a ver abalada porque já tem o desejado T3 sob reserva. A dívida irá manter-se, mas mais prolongada no tempo e a sofrer um pequeno aumento mensal. Nada de alarmes, asseguram: o carro, Peugeot 206, já está pago, ainda que a amortização lhes tenha levado sete anos de controlo orçamental.

Este casal, ela com 34 anos, ele com menos um, tem hoje o filho na escola onde se conheceram há trinta anos, o colégio Sagrado Coração de Jesus.

Nesta família, a palavra avós tem diversos sinónimos. Ficam com o neto entre a saída da escola e a hora em

que Alberto o vai buscar, compram-lhe a roupa, ajudam na alimentação, pagam o passe social a Carla. Um dos avós é farmacêutico, por isso o casal ainda vê a bolsa aliviada sempre que uma doença lhe bate à porta. Quanto ao mais, a frugalidade impera. Carla, assistente administrativa numa escola (depois do 12.º ano de escolari-

O lazer contabiliza-se com cinema de dois em dois meses, um jogo de futebol de salão aos domingos, um fim-de-semana fora uma vez por mês. Férias? No ano passado, uma avaria no carro levou-lhes as reservas, este ano a casa precisa de obras antes de ser vendida. «Praia... só em sonhos. E férias a sério, só de dois em dois anos e mesmo as-

«Há meses que compensam as falhas de outros e assim vamos combatendo aquela sensação de chegar ao fim do mês sem dinheiro»

dade cursou Secretariado), almoça na cantina por dois euros. Alberto, que somou ao 12.º ano um curso de Electrónica e é vendedor de material eléctrico para o sector da construção civil, tem a refeição paga pela empresa. A rotina diária do casal faz-se entre as 7h30 e as 21h, com a chegada de pai e filho. As refeições em casa vêm do restaurante em frente, seis euros por dose para três de, por exemplo, frango com molho de leitão.

sim temos de fazer contas». Mais uma vez, Tiago safa-se a este fado: vai um mês para a praia com a escola.

«Há meses que compensam as falhas de outros e assim vamos combatendo aquela estranha sensação de chegarmos ao fim do mês sem dinheiro». Sorriem. Carla e Alberto transmitem uma dose de esperança que chega a ser contagiante. A vida é para se ir vivendo. Importante é não ultrapassar o patamar de uma só dívida.  J.M.M.

Família Esteves, Rio Tinto, Porto

Rendimento mensal €1.650

(Alberto, variável; aproximadamente €900 e Carla €750)

Filhos Tiago (4 anos)

Casa Apartamento T2

Pagamento de empréstimos

€400 (casa)

Serviços €159 (água, electricidade, gás, condomínio, TV Cabo, telemóvel)

Alimentação Entre €150 e €200

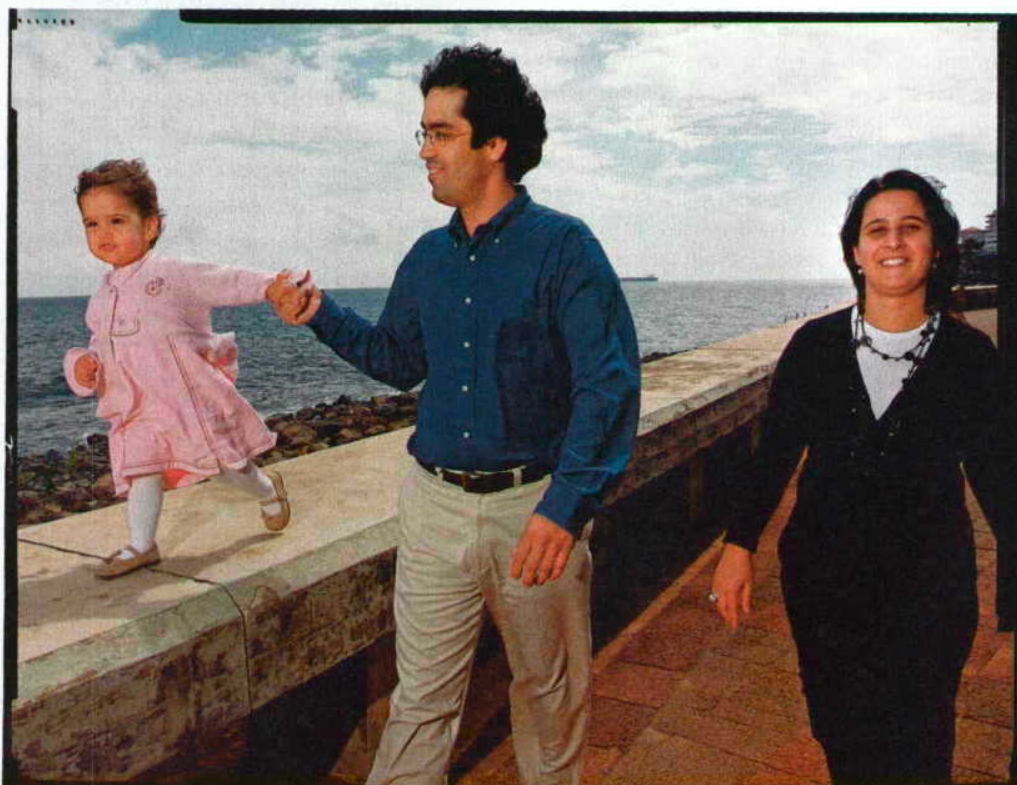
Educação/Escola €350

Transportes €50 (combustível gasóleo, Peugeot 206)

Extras €56 (€16 futebol de salão aos domingos, €40 pediatra de três em três meses)

Total de despesas mensais

€1.215



JORGE SIMÃO

'Trabalhamos para pagar as contas'

Família Sousa, Caniço, Madeira

Rendimento mensal €1.400

(Sandra, €950, Juan Pablo, variável, €450)

Filhos Inês (2 anos)

Casa Apartamento T2

Pagamento de empréstimos

€500 (casa)

Serviços €130 (água, electricidade, gás e condomínio)

Alimentação €680 (entre €240 e €400 no supermercado; €200 no mercado; €80 nos pequenos-almoços do casal)

Educação/Escola €100

(ama da Inês)

Transportes €250 (combustível para dois automóveis, Nissan Micra 1000 e Opel Corsa)

Total de despesas mensais

€1.660

Andamos a trabalhar para pagar as contas. Nunca consigo chegar ao fim do mês com dinheiro no bolso e já nem me lembro de quando comprei a última peça de roupa para mim! As prioridades vão para a minha filha». Sandra Pereira, bancária, tem 27 anos e um discurso descrente tanto no seu futuro como no do país.

O fio dos seus dias é sempre igual. Às 8h30, Sandra e o marido, o venezuelano Juan Pablo, de 39 anos, com quem vive há dez, já estão a trabalhar. Antes, deixaram a filha Inês, de dois anos, numa ama. Entre o T2 onde vivem no Caniço, no concelho de Santa Cruz, e o Funchal, onde trabalham no ramo imobiliário, distam meia dúzia de quilómetros.

«Se o juro da casa sobe outra vez, será uma verdadeira fatalidade!», antevê Sandra. O empréstimo da casa — que lhes custou há três anos 108 mil euros (21.750 contos) — é a única dívida do casal. Sabem que não se vão meter noutra tão depressa. Os carros — um Nissan Micra 1000 e um Opel Corsa, am-

«Cada vez mais um bife ou uma posta de peixe são um luxo». Jantar fora? Uma raridade

bos já pagos — são um «luxo», do qual não podem abrir mão: a alternativa dos transportes públicos não lhes ficaria por menos de 50 euros mensais e ainda dificultaria o dia-a-dia. O casal toma o pequeno-almoço na rua e o almoço resume-se «normalmente a uma sopa». «Cada vez mais, um bife ou uma posta de peixe são um luxo». A rotina diária de trabalho tem fim pelas 17h30, quando Sandra recolhe a filha na ama e rumam a casa. Jantar fora? Uma raridade. Férias? «Fomos a Lisboa há três anos».

Esta rígida ginástica orçamental deixa marcas e não contempla desvios. Uma gripe da pequena Inês significa um rombo de 30 euros (consulta no pediatra). No aniversário de Sandra, por alturas do Carnaval, o casal fez «uma loucura». Alugaram uma casa, com cinco casais amigos, num turismo rural em São Jorge — «O suficiente para nos estragar o orçamento para esse mês!»

Sandra permite-se a uma ida ao cabeleireiro uma vez por mês; o relógio de marca que usa no pulso custou-lhe 150 euros. «E só o adquiri porque o podia pagar a prestações». No fim-de-semana refugiam-se no «shopping» ou tomam um café no Machico. Cinema ou teatro só acontecem de vez em quando, «comprar um livro... de quatro em quatro meses. Um bom livro custa muito dinheiro».

«Daqui a uns anos não sei se vou ter reforma. Gostava de ter mais um filho, mas como?», remata Sandra.  J.M.M.



Família 1500 euros

Os Esteves têm um filho, moram num T2, vão de férias de dois em dois anos, chegam sem dinheiro ao fim do mês. Retratos de famílias que vivem com o rendimento médio nacional página 42